

PROJETO EDUCAÇÃO PARA SAÚDE – CONVIVENDO COM A ADOLESCÊNCIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Magda Verçosa Carvalho Branco

magda.vercosa@uniceub.br

Professora do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Marília de Queiroz Dias Jácome

marília.jacome@uniceub.br

Professora do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Daniel Louzada-Silva

daniellouzaada@unb.br

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade de Brasília

RESUMO

Apresentamos o relato de uma experiência em extensão universitária envolvendo estudantes das áreas de ciências biológicas, saúde e educação de um centro universitário e adolescentes abrigados por decisão judicial. O período relatado compreendeu nove semestres consecutivos entre 2008 e 2013. Cerca de trinta abrigados com idade variando entre 12 e 18 anos e quinze universitários participaram das atividades a cada semestre. Três abrigados permaneceram por todo o período do projeto. A seleção dos participantes ocorria no início de cada semestre e sua atuação era voluntária. Estudantes e professoras supervisoras tiveram encontros semanais, alternando aqueles como os abrigados e os que avaliavam as atividades já executadas e preparavam as seguintes. A cada quinze dias essas atividades eram trabalhadas com os adolescentes, tanto no abrigo como no campus da instituição promotora. As atividades incluíam jogos, gincanas, dinâmicas, grupos de discussão, exibição de filmes, e visitas a laboratórios, entre outras. Após cada encontro os estudantes apresentavam um relato de suas experiências e era feita uma avaliação. O projeto de extensão teve caráter complementar às atividades desenvolvidas pelo abrigo. Observamos durante o período acompanhado o sucesso na prevenção de gravidez indesejada, melhoria no desempenho escolar, inserção no mercado de trabalho e na vida universitária. Os adolescentes avaliaram o projeto como positivo para suas vidas, e destacaram a possibilidade de ter contato com ambientes e pessoas que não seriam acessíveis fora desse contexto. Os estudantes universitários destacaram a possibilidade de inteirar-se de novas realidades e exercer atividades profissionais com viés de responsabilidade social e cidadania.

Palavras-chave: adolescentes, abrigo, promoção de saúde; prevenção de problemas.

ABSTRACT

We present an account of a University extension project involving life sciences, health and education undergraduates and teenagers housed due to judicial decision. During nine consecutive semesters between 2008 and 2013, 30 boys and girls of a children's house, aging from 12 to 18 years old, and 15 students participated in the activities each semester. Three teenagers remained housed throughout the project period. Students were selected each semester as volunteers. Supervisory meetings had weekly bases, alternating planning work in one week with the direct work with teenagers in the other. Every two weeks these activities were worked with teenagers, both at the children's home and at the University campus. Activities included games, competition, dynamics, discussion groups, films, and visits to laboratories, among others. After each encounter students presented an account of their experiences and a critical analysis was made. The extension project had additional character to the activities developed by the children's house. During the project period we observed that the no girl became pregnant, the school performance was improved, including two teenagers that started college studies, and those that became 18 years old were able to get a job. In the words of the teenagers, the project brought positive issues to their lives, like making contact with people and places that would not happen otherwise. The volunteers had the possibility to get in contact with new realities and exercising professional skills.

Keywords: teenagers, children's house, health promotion, problems prevention.

INTRODUÇÃO.

Este trabalho apresenta o relato das atividades de um projeto de extensão desenvolvido por professores e estudantes de um centro universitário na cidade de Brasília, DF, Brasil, junto a adolescentes que vivem em um abrigo. A intervenção relatada faz parte do projeto *Educação para saúde – convivendo com a adolescência* e teve início no primeiro semestre de 2008 e encerrou-se ao final do primeiro semestre de 2013 após nove semestres consecutivos. O objetivo da ação relatada foi o desenvolvimento biopsicossocial, a promoção de saúde e prevenção de problemas, com estudantes voluntários de uma instituição privada de ensino superior trabalhando com adolescentes retirados do convívio familiar por decisão judicial e encaminhados à instituição abrigo.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) “Saúde é o completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença.” (OMS, 1946). Esse conceito recebeu desde a sua formulação críticas e propostas de complementação, voltadas para seu alcance e operacionalização (SEGRE; FERRAZ, 1997; DALLARI, 1998). Entre as muitas contribuições, SCLiar (2007) inclui o termo campo de saúde que abrange a biologia humana, o meio ambiente, o estilo de vida e a organização da assistência à saúde. Desse modo, a saúde não se representa da mesma maneira para todas as pessoas, mas reflete o contexto econômico, social, político e cultura no qual se vive.

A Política Nacional de Promoção de Saúde (PNPS) do Ministério da Saúde prevê que as ações de promoção de saúde devem considerar as condições para que o indivíduo e as comunidades sejam mais saudáveis, não cabendo apenas ao sujeito a responsabilidade pelos cuidados com a própria saúde (BRASIL, 2009). Nossa proposta trabalhou as noções de vida com qualidade, conhecimento dos direitos individuais e coletivos e vivência da cidadania. Buscou-se envolver acadêmicos de cursos das áreas de ciências biológicas, educação e saúde em atividades que pudessem contribuir para sua formação profissional e atuação como educadores na promoção de saúde e prevenção de problemas, permitindo-lhes uma melhor compreensão do indivíduo na sua totalidade e singularidade. É importante notar que esses futuros profissionais pertencem a um estrato social muito diferente dos adolescentes abrigados, entendendo muitas vezes esse tipo de ação por um viés assistencialista e acrítico, o que se buscou evitar.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera criança “a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”(BRASIL, 1990). A adolescência é um fenômeno que passou a ser reconhecido na Idade Moderna e que se consolidou no século XX, principalmente nas sociedades ocidentais, como uma etapa que se situa entre a infância e a idade adulta. Já a infância, é entendida como uma construção social estabelecida a partir da Idade Média (ARIËS, 1981; POSTMAN,1999).

Nos contextos culturais em que se designam a adolescência, entre os critérios que caracterizam este fenômeno, no final deste processo do ciclo vital, podem-se destacar: apresentação da capacidade de assumir compromissos profissionais e a conseqüente independência econômica, a constituição de uma família, geralmente vinculada ao advento da maternidade/paternidade (ARIËS, 1981). Para Santos et al., (2009) ao se considerar a adolescência é necessário diferenciá-la da puberdade, fenômeno que se restringe aos aspectos das modificações físicas que caracterizam a passagem do corpo infantil ao corpo adulto. Já a adolescência envolve as mudanças psicossociais desta fase da vida.

A adolescência é caracterizada por uma “revolução biopsicossocial” que gera tensão entre os jovens, não cabendo a dissociação entre o biológico e os diversos níveis de maturação psicossocial. Existem cinco critérios que definem a inserção do indivíduo na sociedade adulta: maturidade, independência, autodeterminação, responsabilidade e atividade sexual. A atividade sexual efetivamente adulta está implicitamente ligada à possibilidade de procriar e a condições socioeconômicas para o estabelecimento de uma família. Não é raro que o jovem sinta-se nesta fase da vida repellido pela sociedade e carente de ajuda nas suas necessidades afetivas e valorativas. Daí a importância de auxiliá-lo para que haja menos ansiedade e para que, dessa forma, ele construa sua identidade sexual com menos preconceitos, culpas e tabus (LEVISKY, 1998).

Ao se definir a adolescência de determinada maneira, utiliza-se uma interpretação de uma dada realidade, à qual se atribui significados, em consonância com nossa subjetividade, e de acordo, com as normas, padrões e valores sociais vigentes na cultura na qual se está inserido. Com esta compreensão não se pode

concebê-la como período natural do desenvolvimento, mas trata-se de um momento interpretado e significado por uma dada sociedade (SANTOS; XAVIER; NUNES, 2009)

As inseguranças e preocupações dos adolescentes são de certa forma, um espelho do mundo dos adultos e refletem os padrões repressivos, preconceituosos e estereotipados da sociedade em que vivem. Assim, na busca da sua identidade, garotos e garotas estão preocupados em serem aceitos e tentam ajustar-se aos padrões que a sociedade lhes exige para alcançarem esta meta (SUPLICY, 1999).

O adolescente reage às modificações que operam no seu corpo e os elementos que exteriorizam essas mudanças interferem em sua vida afetiva e emocional. A maneira como essa relação se dá é determinante na avaliação que ele faz de si mesmo e traz reflexos maiores ou menores no seu comportamento e nas suas vivências. No caso dos adolescentes deste projeto, parte-se da compreensão que a vida no abrigo os coloca em situação de vulnerabilidade social, ao que somam as fragilidades próprias das mudanças deste período. Vale ressaltar que a vinda deles para o abrigo se deu devido a um quadro de vulnerabilidade já existente, tanto do ponto de vista individual como social.

A sociedade ocidental contemporânea caracteriza-se por seu caráter excludente, refletido em diversos níveis sociais, entre eles a escola, a família e outras redes. Existe consenso a respeito da necessidade de trabalhar em prol da inclusão social. A discussão se dá em como compreender e quais seriam as condições para poder realizar ações que favoreçam a viabilidade da inserção daqueles adolescentes que se encontram a margem, tais como jovens abrigados. (MARTINEZ, 2007).

Adotamos uma abordagem de discussão do desenvolvimento e vivência da adolescência com atividades lúdicas como forma de levantar discussão, reflexão e propiciar-lhes um novo entendimento sobre si e o mundo, trabalhando com gincanas, oficinas, filmes e dinâmicas de grupo. De maneira direta o trabalho visou evitar que esses jovens reforçassem as estatísticas relativas ao fracasso escolar, à gravidez na adolescência, à violência e ao uso de drogas. Parte-se do princípio que as atividades extensionistas colaboram para implementação de ações que auxiliam na inclusão social de indivíduos em situação de risco social.

Na expectativa de trabalhar com esses adolescentes para sua emancipação social e contribuir para ressignificações de valores relativos às alterações advindas da fragilidade do processo do adolescer, como vulnerabilidade, drogas, sexualidade e escolha profissional, optou-se, trabalhar essas temáticas com o suporte teórico de Vygotsky. A Teoria Histórico-cultural concebe o desenvolvimento humano como determinado pela cultura e apreendido nas relações sociais, com diferentes perspectivas nas diversas fases da vida e vários momentos de transição, sendo um deles a adolescência (VYGOTSKY, 1995). Abordagens a partir desse referencial teórico já vêm sendo adotadas, como relatado por Meurer e Gresser (2010).

Os adolescentes caracterizam-se como críticos das exigências que lhes são socialmente impostas quanto, por exemplo, a sua maneira de agir. Buscam na relação com o grupo uma forma de posicionamento pessoal diante das questões que a realidade impõe à sua vida pessoal e social. Essa interação com os companheiros é

intermediada por regras de grupo, ou seja, determinada por regras morais e éticas (FACCI, 2004).

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Este trabalho foi desenvolvido ao longo de cinco anos e meio com adolescentes moradores de um abrigo no Distrito Federal, com idade variando entre 12 a 18 anos. Menores de 12 anos não eram atendidos e muito raramente maiores de 18 permaneciam no abrigo por algum tempo, mas não no projeto. O número de participantes variou entre 25 e 30 abrigados por semestre, com participação aproximadamente igual de meninos e meninas durante todo o tempo. Três participantes estiveram presentes por todo o período trabalhado.

A adesão dos universitários foi voluntária sendo, em geral, de 15 por semestre, com predomínio acentuado de alunas sobre alunos. Os estudantes universitários participaram como facilitadores e elaboradores das ações a serem implementadas. O planejamento do projeto foi integralmente feito pelas professoras, mas os estudantes participaram da elaboração, preparação e execução das atividades a cada semestre. Os encontros com os estudantes ocorreram semanalmente e com os adolescentes quinzenalmente, sempre aos sábados à tarde. Os três autores deste artigo trabalhavam na instituição promotora da extensão quando do início do projeto, mas apenas as professoras participaram de todas as suas etapas.

A inscrição para os universitários era ofertada para todos os cursos da área de ciências biológicas, saúde e educação. Entretanto, a procura se deu basicamente pelos alunos das áreas de saúde, com predominância dos cursos de Biomedicina e Psicologia. No andamento do projeto propunha-se a articulação teórico-prática entre os conhecimentos adquiridos pelos acadêmicos e os contextos reais de aplicação nos quais se configuravam as demandas apresentadas pela comunidade atendida. Partiu-se da concepção de que a atuação multidisciplinar propiciaria a integração dos vários saberes que surgem na interface entre os conhecimentos das diferentes áreas e das diferentes ações desenvolvidas.

As atividades práticas foram realizadas com vistas à prevenção de problemas e promoção de saúde, tendo como ponto de partida o contexto da vida cotidiana, a casa, a escola e os demais espaços de convivência social.

A cada encontro utilizavam-se diferentes instrumentos lúdicos como oficinas, dinâmicas de grupo, palestras interativas, dramatizações, debates de filmes apropriados para o trabalho com adolescentes. No planejamento propunha-se aos alunos executores do projeto, que utilizassem seus talentos e habilidades artísticas e culturais na escolha dos instrumentos, fato que propiciou o enriquecimento e diversificação das atividades. O uso de oficina de criação promove um espaço de concepção do homem como um ser ativo, da práxis, do agir e do pensar. Permite a construção de novos significados a partir da vivência das próprias experiências. (ZANELLA, 2004).

No período de cinco anos e meio as atividades semestrais foram desenvolvidas em três momentos: no primeiro ocorria a divulgação e seleção dos universitários participantes. Privilegiou-se a escolha de alunos de diferentes cursos, a fim de contemplar os dois dos objetivos do projeto, a integração de diversas áreas do saber e o trabalho multidisciplinar. Para isso, os acadêmicos foram distribuídos em grupos multidisciplinares para atuarem como organizadores do trabalho e executores das atividades. Neste primeiro momento, supervisores e estudantes realizavam a escolha dos temas de cada encontro, levando em consideração o interesse dos adolescentes, a partir da escuta de questões do seu cotidiano.

Esses temas pertenciam a três eixos, assim divididos: o primeiro, adolescência e promoção de saúde, contemplou a discussão de questões relativas à saúde sexual e reprodutiva, alimentação saudável e atividades físicas. No segundo eixo, adolescência e prevenção de problemas, discutiam-se as relações sociais e afetivas, preconceito e discriminação, questões de gênero e uso de drogas e violência. O terceiro eixo, adolescência e perspectivas de vida, foi destinado à reflexão sobre o despertar para a vida adulta, a inserção no mundo do trabalho, o respeito ao outro, trabalho em equipe e motivação para os estudos.

No segundo momento foram executadas as atividades práticas sobre os temas escolhidos. A preparação teórica se deu pela leitura e discussão de artigos relacionados aos temas, além de outros sobre instrumentos lúdicos, trabalho em grupo e equipes de trabalho. As atividades realizaram-se em dois locais, a saber, o abrigo em que os adolescentes moravam e em diferentes espaços do centro universitário promotor do projeto.

Quando dos encontros no abrigo, constatou-se a satisfação dos adolescentes em receber os estudantes extensionistas no local de sua moradia, pois preparavam o ambiente para chegada de uma visita importante para eles. Isto ficava claro no empenho e disposição dos adolescentes para apresentar os estudantes aos demais membros do abrigo. Para os alunos, o contato com o abrigo possibilitou conhecer e refletir sobre a estigmatização de adolescentes abrigados. Jofilly (2010) relata que a prática de abrigamento em instituições assistenciais ocorre no Brasil desde o período colonial. Essas casas recebiam crianças e adolescentes que eram tratados como órfãos e abandonados, mesmo possuindo famílias. As crianças e adolescentes abandonados, ou delinquentes, são estigmatizadas pela sociedade, e as instituições de abrigamento muitas vezes se valem de metodologias opressivas, à guisa de promover a reeducação e reintegração social.

Os diferentes laboratórios da instituição promotora do projeto, como os laboratórios de técnicas dietéticas, de habilidades psicoeducativas e auditórios serviram como os espaços onde se desenvolveram as ações contemplando os temas dos eixos propostos. O fato de o trabalho ser realizado nos dois espaços contribuiu para inserção de todos os participantes em diferentes realidades socioeconômicas.

Dentre os temas escolhidos pelos adolescentes ao longo do projeto, três destacaram-se: saúde sexual e reprodutiva, preparação para o mundo do trabalho e motivação para os estudos e uso de drogas e violência. Várias oficinas contemplaram

questões relativas à saúde sexual e reprodutiva, por ser o tema mais escolhido, privilegiando-se discussões sobre métodos contraceptivos, gravidez não planejada, doenças sexualmente transmissíveis, papéis sexuais e questões de gênero.

Foucault (2010) esclarece que nos últimos séculos ocorreu uma massiva discussão sobre o sexo, principalmente nas áreas da saúde e educação, como na Medicina, Pedagogia e Psicologia. Sabe-se que antes as questões de poder relativas às questões sexuais estavam focadas nos laços de matrimônios e nas oficializações das parcerias, e que agora as relações de poder se estendem sobre corpo, sobre o prazer e suas manifestações, o que é cada vez discutido precocemente pelos adolescentes. Isto demonstra a importância do trabalho com grupos de convivência e da criação de oportunidades e espaços de discussão para os jovens, sobre questões do desenvolvimento psicosssexual como atividade sexual, identidade e gênero.

Outro tema de grande interesse dos adolescentes foi a preparação para o mundo do trabalho e a motivação para os estudos. Nesses encontros utilizaram-se vários instrumentos, dentre eles, entrevistas com diferentes profissionais com histórias de vida semelhantes. Os relatos dos adolescentes sobre esses encontros destacavam a identidade com os entrevistados e a disposição de também construir histórias de sucesso como as que compartilhavam. Outro ponto de destaque é que esses encontros ocorreram na instituição de ensino superior promotora do projeto, colocando os adolescentes em contato com um ambiente a que não teriam acesso de outra maneira, o espaço universitário. Este tipo de contato aproxima o adolescente de uma realidade totalmente alheia a sua rotina, e pode promover reflexões que os estimulem a tomar decisões. Não se trata de defender que o simples contato com a universidade despertaria novas aspirações nesses jovens, mas não se pode negar o valor do sonho construído a partir de referências concretas, em particular no contexto de expansão de oportunidades de acesso ao ensino superior por que passa o Brasil.

Para desenvolver os temas uso de drogas e violência, temas como família, amizade, amor foram discutidos em oficinas psicoeducativas na forma de dramatizações, criação de cartazes, colagens, maquetes e esculturas, explorando as possibilidades de expressão de sentimentos e inquietações que a temática proporcionava (BRASIL et al., 2003). O material produzido pelos adolescentes serviu para motivar reflexões e discussões sobre as implicações do uso de drogas, os diferentes tipos de dependência, a saúde do usuário e a violência associada ao tráfico e consumo.

O terceiro momento foi destinado à avaliação do trabalho realizado no projeto. Após a realização de cada encontro, os universitários preparavam um relatório com análise do que foi trabalhado, com destaque para os pontos positivos e negativos e como se deu a participação dos adolescentes. Em seguida, havia um encontro com as professoras supervisoras para discussão dos relatórios, avaliação final da atividade e o planejamento da próxima.

Ao final de cada semestre, os acadêmicos realizam avaliação do seu desempenho e envolvimento no projeto, além de apresentarem um relatório à

supervisão. As professoras supervisoras também apresentavam um relatório final e uma proposta de continuidade à assessoria de extensão da instituição.

A participação de estudantes dos diferentes cursos permitiu a troca de conhecimento e experiências entre eles e com os adolescentes envolvidos. Para os adolescentes, a possibilidade de realizarem atividades sobre temas de seu interesse motivou sua participação ao longo do projeto. O projeto também propiciou aos alunos universitários a articulação entre os saberes teóricos e práticos que se relacionam com a vivência profissional, com a flexibilidade de optar por diferentes tempos de contato com as atividades, desde que com participação mínima de um semestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Educação para saúde – convivendo com a adolescência* foi uma atividade de extensão junto a abrigados que complementou as ações cotidianas das mães sociais/cuidadoras. Ao final do período de cinco anos e meio de que trata este relato, nenhum caso de gravidez indesejada foi registrado, o índice de reprovação escolar diminuiu, os abrigados completavam 18 anos tinham terminado o ensino médio, muitos começaram a trabalhar formalmente com carteira assinada e dois já cursavam universidade. Esses indicadores apontam para o sucesso da instituição de abrigo, das mães sociais/cuidadoras e das escolas em que os abrigados estavam matriculados, só nos sendo possível avaliar a contribuição do projeto em questões pontuais relacionadas à metodologia psicoeducativa de sua própria proposta.

Os resultados obtidos revelaram que a metodologia baseada no uso de instrumentos lúdicos mostrou-se adequada ao trabalho com adolescentes, os quais foram estimulados a se expressarem livremente e de modo responsável.

O tempo de duração do projeto permitiu aos professores e extensionistas acompanhar o desenvolvimento dos adolescentes e inteirar-se de sua vida escolar, da entrada no mundo adulto a partir do mercado de trabalho e da continuidade dos estudos, agora no nível superior. Os resultados obtidos na atividade extensionista foram influenciados pelo longo tempo de participação dos abrigados no projeto, mesmo com a rotatividade dos acadêmicos, que tinham participação semestral.

De maneira geral, a avaliação do projeto pelos acadêmicos participantes foi bastante positiva. Os estudantes destacaram o papel estimulador de sua cidadania e do olhar sobre responsabilidade social de cada um como futuros profissionais. O projeto também permitiu a eles a expressão de seus talentos artísticos e culturais.

A multidisciplinaridade foi vivenciada por meio das experiências propiciadas pelo projeto, o que possibilitou o enriquecimento das atividades realizadas, a formação profissional dos facilitadores, o conhecimento intelectual e o desenvolvimento da maturidade dos adolescentes participantes. A capacidade de resolução de problemas e os atos de cooperação desenvolvidos no decorrer da aplicação deste projeto, com certeza, enriquecerão o futuro profissional, em especial nos temas relativos à prevenção e promoção de saúde.

Projetos de extensão universitária, como o apresentado, contribuem para o desenvolvimento da cidadania e a prática da responsabilidade social, proposições acadêmicas que auxiliam na formação do indivíduo integral, independente do papel que os envolvidos estejam exercendo nos meios sociais (professor, aluno e adolescentes). Finalmente conclui-se que é importante para cursos de graduação estimular a aplicação dos conhecimentos que vão sendo adquiridos pelos estudantes como elemento de formação integral.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRASIL, K.C.T. et al. O trabalho interdisciplinar no contexto da exclusão. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 2003, 23(3): 90-97.
- BRASIL. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na Escola. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- DALLARI, S.G. A Bioética e a Saúde Pública, In: COSTA, S.I.F.; OSELKA, G.; GARRAFA, V. (Coordenadores). Iniciação à Bioética, Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998. p. 205-216.
- FACCI, M.G.D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cadernos CEDES*, v.24, n.62, abr./jul. 2004.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. 19ª ed. São Paulo: Graal, 2010.
- JOFFILY, C.L.M.S. Adolescentes mães em contexto de abrigamento – significando a gravidez e a maternidade. Curitiba: Juruá, 2010.
- LEVISKY, D.L. Adolescência: reflexões psicanalíticas. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.
- MARTÍNEZ, A.M. Psicologia escolar e compromisso social. 2ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2007.
- MEURER, B; GESSER, M. Tessituras em psicologia social na escola: relato de experiência com adolescentes. In: Conselho Federal de Psicologia. Experiências profissionais na construção de processos educativos na escola. Brasília: CFP, 2010.
- OMS. Constituição da Organização Mundial de Saúde, adotada pela Conferência Internacional da Saúde, realizada em Nova York de 19 a 22 de julho de 1946.
- POSTMAN, N. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- SANTOS, M.S.; XAVIER, A.S; NUNES, A.I.B.L. Psicologia do Desenvolvimento: teorias e temas contemporâneos. Brasília: Liber Livros, 2009.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*; 17(1):29-41, 2007.

SEGRE, M; FERRAZ, F.C. O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública*; 31(5): 538-542, 1997.

SUPLICY, M. Conversando sobre sexo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VYGOTSKY, L.S. Obras escogidas: incluye problemas de desarrollo de la psique, volume 3. Madrid: Visor, 1995.

ZANELLA, A.V. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões. *Psicologia e Sociedade*, v. 16 (1): 135-145, 2004.